

O uso da narrativa e das TIC na sala de aula: novos passos para uma educação filosófica

Danillo Matos de Deus
Maria Olília Serra

RESUMO

O tesouro da tradição é uma herança cujo acesso é indispensável pela humanidade, pois contribui para o desenvolvimento da capacidade de pensar dos indivíduos. O legado da tradição é uma herança acessível aos homens que foi constituída pela soma dos mais variados tipos de conhecimentos, entre eles temos o conhecimento filosófico. Certas táticas didáticas como “comentários feitos sobre os textos” e “exposições” são utilizadas para que o ensino de Filosofia possa se propagar de forma satisfatória nas salas de aula, sendo os professores encarregados de fazer com que a história da filosofia seja ensinada através de algum método. Entre os mais diferentes instrumentos metodológicos possíveis de serem utilizados nas escolas podemos citar a narração escrita. Uma outra possibilidade para o ensino da disciplina encontra-se na adoção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), de forma que esta possa motivar os alunos, levando-os a alcançarem um pensamento reflexivo e autônomo. O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre as diferentes maneiras que o pensamento filosófico pode ser compartilhado, entre eles temos a utilidade das narrativas escritas em forma de livro que poderá proporcionar aos alunos o acesso as informações existentes em suas leituras, oportunizando-os até mesmo a elaborarem conclusões acerca de um mundo dinâmico a qual fazem parte. Assim como, a adoção das TIC como ferramentas pedagógicas viabilizando o pensamento autônomo. Partimos da hipótese de que o uso destas novas didáticas podem despertar o pensamento reflexivo dos estudantes, direcionando-os a assumirem uma postura crítica diante do mundo a qual fazem parte e que serve de espaço para se relacionarem através de suas palavras e ações.

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Narrativa. TIC.

A narrativa como instrumento de ensino da filosofia nas escolas

O tesouro da tradição é uma herança cujo acesso é indispensável pela humanidade, pois contribui para o desenvolvimento da capacidade de pensar dos indivíduos. O legado da tradição é uma herança acessível aos homens que foi constituída pela soma dos mais variados tipos de conhecimentos, entre eles temos o conhecimento filosófico. Sobre o contato com a história da filosofia Derrida recomenda que “[...] não é interessante apenas repetir e reproduzir a história da filosofia ocidental, no entanto, afirma que tampouco parece interessante simplesmente ignorar, opor-se ou subverter essa tradição” (KOHAN, 2009, p. 84).

Atualmente existem diferentes possibilidades para que o filosofar possa ocorrer, entre eles temos o café filosófico, cine e filosofia, e a filosofia com crianças, percebe-se então através da prática docente, que as informações que compõem a tradição filosófica são impossíveis de ter a sua relevância negada no contexto escolar. É perceptível após esse contexto que tanto a filosofia quanto a didática necessitam se encontrar em certas ocasiões para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra em meio aos educandos.

Certas táticas didáticas como “comentários feitos sobre os textos” e “exposições” são utilizadas para que o ensino de filosofia possa se propagar de forma satisfatória nas salas de aula, sendo os professores encarregados de fazer com que a história da filosofia seja ensinada através de algum método. Entre os mais diferentes instrumentos metodológicos possíveis de serem utilizados nas escolas podemos citar a narração escrita.

O pensamento filosófico compartilhado através das narrativas escritas poderá fazer com que os alunos reflitam sobre as informações existentes em suas leituras, possibilitando-os até mesmo elaborar conclusões acerca de um mundo dinâmico a qual fazem parte, já que “[...] o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado da rotina, leva o leitor a refletir sobre o seu cotidiano e a incorporar novas experiências” (ZIBERMAN in apud Iser, 2016, p. 26).

Através da leitura os educandos podem participar de diferentes realidades teóricas que já haviam sido desenvolvidas por diversos filósofos ao longo da história. Tal leitura contribui então para que ocorra a investigação teórico-filosófica pelos alunos e o desenvolvimento de seus conhecimentos. Sendo seus conhecimentos possíveis de serem demonstrados, em meio aos demais, através de posicionamentos reflexivos e críticos na sala de aula, uma vez que “o filosofar se apoia na inquietude de formular e formular-se perguntas e buscar respostas (o desejo de saber)” (CERLETTI, 2009, p.20).

As informações que compõem a tradição filosófica devem ser ensinadas aos homens, cabe então a humanidade preservar os conhecimentos que tecem a sua história. Nesse sentido, os professores devem se voltar para o passado e selecionar aquilo que há de precioso e que merece ser compartilhado na escola através da prática de ensino.

O importante nas aulas de filosofia é fazer com que os alunos busquem conhecer a realidade em sua totalidade, assumindo a postura de problematizá-la já que faz parte da natureza filosófica duvidar daquilo que aparenta ser óbvio. Tal propósito pode ocorrer a partir da união entre o ensino da história da filosofia e da prática filosófica. Professores e alunos podem participar de um espaço comum direcionado para o pensar acerca do mundo, através dos mais distintos questionamentos filosóficos presentes nas narrativas a serem trabalhadas.

Heródoto, considerado o pai da história ocidental, apontou sobre a importância da preservação das informações históricas para que não desapareçam com o passar do tempo, podendo estas informações serem lembradas pelas gerações futuras. Para ele os feitos dos gregos deveriam estar vivos para sempre entre os homens, logo as informações referentes a cada geração podem virar histórias a serem contadas nas mais diferentes épocas, fazendo então que a transmissão destas informações sirva como um meio de preservar a tradição existente no mundo.

A narrativa é capaz de proporcionar aos homens o ensino e a reflexão acerca da história. Ao lermos as histórias que são narradas podemos direcionar nossos pensamentos para determinadas informações que já não se encontram presentes no nosso tempo mas que marcaram a história da humanidade e que merecem nossa atenção. Sendo assim:

Almeida, a partir da reflexão arendtiana, afirma que contar histórias sobre os acontecimentos no mundo é uma modalidade do pensamento. No entanto, enfatiza que a faculdade do pensar ou mesmo a reflexão de Arendt sobre ela, não se resume a isso. A autora (2008, p.13) ressalta que considera o “contar histórias” de especial relevância para uma educação “[...] que procura introduzir os novos no mundo e contribuir para que encontrem seu lugar nele.”[...] Portanto, as narrativas permitem o encontro com o passado – não para trazê-lo de volta, exatamente como era, mas afim descobrir o sentido, como pérolas que nos são trazidas e apresentadas após o mergulho da nossa herança simbólica, cultural e histórica (LEITE, 2005, p. 104).

O contato com os mais diferentes pensadores que marcaram nossa história contribui para que venhamos a escolher “aqueles” com o qual estabeleceremos certos diálogos como se fossem nossas companhias no presente, somos então tocados por atitudes e pensamentos de homens e mulheres cujo tempo não conseguiu apagar. Hannah Arendt, segundo Leite, escolheu como companhia para os seus diálogos Sócrates, Isak Dinesen, Jaspers e Kant no que diz respeito a responsabilidade que deve ser adotada pelos homens na terra. Logo, os pensamentos resultantes das mais diferentes questões pelos filósofos no passado devem ser aceitas como caminhos para que possamos percorrer filosoficamente no mundo. Desse modo, é importante atentarmos a Kant ao afirmar que:

Também o autor filosófico, em que nos baseamos no ensino, deve ser considerado, não como modelo do juízo, mas apenas como o ensejo de julgarmos nós próprios sobre ele e até mesmo contra ele; e o método de refletir e concluir por conta própria é aquilo cujo domínio o aprendiz está a rigor buscando, o qual também é o único que lhe pode ser útil, de tal sorte os discernimentos decididos, que por ventura se tenham obtido, ao mesmo tempo têm que ser considerados como consequências contingentes dele, consequências estas para cuja plena abundância ele só tem de plantar, em si mesmo, a raiz fecunda (LO-RIERI in apud Kant, 2002, p.77-78).

Segundo Arendt, as companhias escolhidas pelos homens podem surgir a partir de exemplos de indivíduos vivos, de pessoas mortas, fictícios ou reais, até mesmo fatos que aconteceram no passado ou no nosso presente podem interferir em nossas escolhas. As narrativas podem contribuir para a tomada das decisões a serem feitas pelos homens no mundo em que habitam, possibilitando-os fazerem parte através da leitura de um mundo comum a todos os indivíduos. Vemos então a importância da necessidade de uma iniciação filosófica a ser realizada nas salas de aula e que “[...] cada um escolherá se filosofa ou não, mas deve saber que pode fazê-lo, que não é um mistério insondável que apenas alguns atesouram. E, nisso, o professor tem uma tarefa fundamental em estimular a vontade” (CERLETTI, 2009, p. 87)

A filosofia não possui apenas uma única identidade em meio aos filósofos, isto ocorre pois existem vários pensamentos que deram origem aos mais diferentes cenários filosóficos ao longo da história. Devemos então observar o seguinte entendimento “[...] aprender filosofia é conhecer a sua história, adquirir uma série de habilidades argumentativas ou cognitivas, desenvolver atitude diante da realidade ou construir um olhar sobre o mundo” (CERLETTI, 2009, p.12), isto nos leva a compreensão de que aprender sobre a Filosofia necessita que estejamos abertos as diferentes informações que surgiram e se transformaram ao longo tempo.

Apresentar o mundo as novas gerações, significa proporcioná-las então o acesso ao tesouro da tradição e a possibilidade de aceitar a responsabilizar-se pelo mundo, já que:

A tradição, numa das imagens pelas quais Arendt a apresenta, é o testamento que acompanha o tesouro legado pelo passado ao futuro. Cabe a um testamento selecionar os valores a transmitir, transmiti-los propriamente aos herdeiros – ou impedir que se percam por falta de quem os preserve -, e ainda dizer por que

se trata de valores preciosos. Tais são precisamente as funções que nossa autora atribui a tradição. Esta seleciona nas experiências de cada geração o que há de mais precioso a ser preservado, salva-o da ruína do esquecimento, conferindo-lhe inteligibilidade – ou seja, transformando-o em histórias – e transmitindo-o ao futuro (FRANCISCO, 2007, p.34).

Para que o aluno possa escolher o seu posicionamento diante do mundo, é importante que tenha aprendido sobre as mais diferentes informações apresentadas na escola, mesmo que sejam através das narrativas filosóficas ou através de outros meios que possam contribuir para o seu ensino-aprendizagem, entre estes temos o uso das tecnologias da informação e da comunicação como fator de motivação para a autonomia dos discentes. Aos professores em sala de aula, cabe o cuidado para que as informações que tecem a tradição filosófica sejam compartilhadas com os educandos. Tal atitude demonstra o compromisso do professor para com os estudantes por proporcionar o contato, a reflexão e o questionamento sobre as informações presentes na história. Sendo que, o contato com as mais diferentes companhias apresentadas na sala de aula possibilita a não doutrinação dos alunos, já que que “[...] doutrinar não é ensinar uma doutrina, mas ensiná-la como se fosse a única” (GALLO, 2012, p. 39).

O ensino de filosofia e o uso das tic

Com o propósito de refletirmos sobre as possibilidades de uma aproximação pedagógica sobre o ensino de Filosofia e o uso das TIC lançamos mão neste ensaio de duas categorias que compreendemos ser importante: a motivação e a autonomia. Conforme apontam Aguiar e Ozella (2013) para haver motivação é necessário, portanto, que haja a necessidade, a vontade. De acordo com os autores, as “necessidades estão sendo entendidas como um estado de carência do indivíduo que leva a sua atuação com vista a satisfação, dependendo das suas condições de existência” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 306). Ou seja, para que o processo de ensino se caracterize como uma atividade de aprendizagem é necessária que as ações pedagógicas propostas despertem a necessidade dos alunos a partir do seu contexto social, existencial.

Rancière (2004) traz ao debate uma discussão importante sobre as possibilidades de emancipação que as novas metodologias de ensino podem trazer. Para o autor, pensar a educação é pensar métodos. Em seus escritos aparecem críticas à pedagogia tradicional que pensava os alunos como aqueles que precisavam ser iluminados, assim, ensinar seria iluminar os alunos (sem luzes), diferente desta visão, Rancière (2004) entende o processo de ensino e aprendizagem como aquele que é capaz de emancipar os discentes, que pode levar a autoconstrução dos sujeitos. Traçando a diferença entre o mestre explicador (pedagogia tradicional) e mestre emancipador (o mestre que apenas indica o caminho), discorrendo que a vontade é a fundamentação, o start para a busca do conhecimento. O professor (mestre) é apenas aquele que indica o caminho, o caminhar e a trilha a ser escolhida se dará a partir dos sujeitos (discentes). Conforme menciona:

O mestre emancipador: essas contingências haviam tomado, na circunstância, a forma de recomendação feita por Jacotot. Disso adivinha uma consequência capital, não mais para os alunos, mas para o mestre. Eles haviam aprendido sem mestre explicador, mas não sem mestre. Antes não sabiam, e, agora, sim. Logo, Jacotot havia lhes ensinado algo. (...) entre o mestre e o aluno se estabelecera uma relação de vontade a vontade: relação de dominação do mestre, que tivera por consequência uma relação inteiramente livre da inteligência do aluno com aquele livro (RANCIÈRE, 2014, p. 30 e 31).

Conforme pode ser observado, o que o mestre emancipador proporcionou foi exatamente dar autonomia e estimular a vontade de seus alunos para que estes pudessem ter a iniciativa e buscassem aquilo que até então não sabiam, neste caso, entender outra língua. Sem a figura de um mestre explicador, tiveram a vontade, a motivação, e assim conseguiram superar as dificuldades e se apropriarem daquilo que estava sendo proposto pelo mestre.

Ele estava esperando por terríveis barbaridades ou, mesmo, por uma impotência absoluta. Como, de fato, poderiam todos esses jovens, privados de explicações compreender e resolver dificuldades de uma língua nova para eles? (...), mas, qual foi a surpresa quando descobriu que seus alunos, abandonados a si mesmos, se haviam saído tão bem dessa difícil situação quanto o fariam muitos franceses (RANCIERE, 2004, p. 18).

Até este acontecimento, todos acreditavam ser necessária a figura de um mestre para levar os alunos (sem luzes), à clareza, à ciência. Em outras palavras o ato essencial do mestre era explicar, ensinar era o mesmo que transmitir conhecimento, levando os sem luzes ao processo de conhecimento. Com esta outra possibilidade de aprendizagem de forma quase autônoma movida pela motivação, leia-se vontade, vêm à tona outra questão:

Ninguém nunca sabe, de fato, de tudo, o que compreendeu. E, para que compreenda, é preciso que alguém lhe tenha dado uma explicação, que a palavra do mestre tenha rompido o mutismo da matéria ensinada (RANCIERE, 2004, p. 20 e 21).

Aparece nas entrelinhas a crítica à pedagogia tradicional acerca do mestre explicador, este é visto como sendo “o único juiz do ponto em que a explicação está, ela própria, explicada. Ele é o único juiz dessa questão em si mesma vertiginosa.” (RANCIERE, 2004, p. 21). E neste caso como o autor comenta, isso leva ao ‘embrutecimento’, porém diferente deste pensamento acima exposto o segredo do mestre deve ser, “saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distância, também, entre aprender e compreender. O explicador é aquele que impõe e abole a distância.” (RANCIERE, 2004, p. 22).

O aprender estaria relacionado a visão de que os sem luzes são apenas receptáculos a serem preenchidos com informações (ciência), diferente daquele que compreende, que por sua vez, recebe as informações, analisa-as e as reconstrói de forma crítica, e neste ponto estaria ligada a relação direta entre ensinar e aprender, entre o mestre enquanto aquele que aponta o caminho em meio a densa floresta afirmando seu reencontro com seus aprendizes ao final da trilha. Diferente do mestre explicador que já apresenta o pensamento pronto e acabado para que os *sem luzes* apenas assimilem tais informações de forma acrítica. Como Rancière (2004) escreve:

A explicação não é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender. É, ao contrário, essa incapacidade, a ficção estruturante da concepção explicadora do mundo. É o explicador que tem a necessidade do incapaz, e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal. Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só. Antes de ser o ato pedagógico, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos. O procedimento próprio do explicador consiste nesse duplo gesto inaugural: por um lado, ele decreta o começo absoluto – somente agora tem início o ato de aprender; por outro lado, ele cobre todas as coisas a serem aprendidas desse véu de ignorância que ele próprio se encarrega de retirar (RANCIÈRE, 2004, p. 23 e 24).

Do ponto de vista do acaso e da vontade, fica claro que alguns alunos aprenderam de forma autônoma a falar e a escrever em francês sem o socorro de um “mestre explicador”. Neste ponto em

específico fica clara a questão da vontade autônoma para o querer aprender. É nesta perspectiva que nossa proposta de inserção das TIC se coaduna com a proposta de Rancière.

Ele os havia deixado sós com o texto de Fénelon, uma tradução – nem mesmo interlinear, como era uso nas escolas – e a vontade de aprender o francês. Ele somente lhes havia dado a ordem de atravessar uma floresta cuja saída ignorava. A necessidade o havia constrangido a deixar inteiramente de fora sua inteligência, essa inteligência mediadora do mestre que une a inteligência impressa nas palavras escritas àquela do aprendiz (RANCIERE, 2004, p. 26).

Entendemos que ao inserir as TIC nas aulas de filosofia na educação básica, em especial no ensino médio, elas possibilitem ao docente organizar as ações pedagógicas na direção que Rancière (2004) aponta em suas reflexões acima expostas, ou seja, possibilitar um espaço para que diferentes caminhos possam ser trilhados pelos discentes, já que um dos grandes fatores de motivação dos adolescentes na atualidade se encontram nas chamadas redes de relações sociais, no *ciberespaço*. Visto que, no contexto das relações sociais modernas, a internet é/ou se torna uma importante ferramenta na construção dessas novas vivências. As redes sociais midiáticas passam a constituir um espaço mediador para o processo de ensino-aprendizagem, tornando as aulas de filosofia mais dinâmicas e motivadoras para despertar a autonomia discente. Na mesma linha de raciocínio Kant (1999), pensa o processo de educação.

Kant (1999), faz uma análise a respeito da questão da educação, segundo o filósofo, a educação seria o processo de disciplinarização e a instrução se daria com a formação. Entendendo e dividindo a educação em duas fases: a educação física e a educação prática. Sobre a disciplina descreve como esta é capaz de transformar a ‘animalidade em humanidade’. O homem teria nesse sentido necessidade de sua própria razão, uma vez que segundo o filósofo, o homem não tem instinto, e precisa, portanto, formar por si mesmo sua própria conduta. Apontando já para uma certa autonomia. Como ele escreve: “A espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais que pertencem à humanidade. Uma geração educa a outra” (KANT, 1999, p. 12). Nessa perspectiva, aquilo que tornaria o homem um verdadeiro homem seria a educação, este seria exatamente aquilo que a educação dele o faz. A formação aqui é entendida como disciplina e instrução. Escreve:

Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os tornam mestres muito ruins de seus educandos. [...], se por um lado, a educação ensina alguma coisa aos homens e, por outro lado, não faz mais que devolver nele certas qualidades, não se pode saber até aonde nos levaria as nossas disposições (KANT, 1999, p. 15).

Traçando um paralelo com a nossa realidade, tais ideias podem ser atualizadas no sentido de pensar a cidadania, precisamos, portanto, pôr em prática a questão disciplinar para não nos tornarmos animais. Kant (1999), propõe que a educação está diretamente ligada à cultura, assim quem de algum modo não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não é disciplinado ou educado é um selvagem. E caminha na direção de que o processo de educação acaba passando por processos de evolução. Escreve:

Talvez a educação se torne sempre melhor e cada uma das gerações futuras dê um passo a mais em direção a um aperfeiçoamento da humanidade, uma vez que o grande segredo da perfeição da natureza humana se esconde no próprio problema da educação ” (KANT, 1999, p. 16).

Kant (1999), entende que a educação é uma arte que precisa ser aperfeiçoada de uma geração para outra, assim podemos ver a possibilidade de inserção das tecnologias de informação e comunicação como esse caminho para o aperfeiçoamento do ensino. A arte da educação ou da pedagogia deve, portanto, ser raciocinada. Kant comenta:

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. De posse dos conhecimentos das gerações precedentes está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daqueles, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino (KANT, 1999, p. 19).

No intuito de refletir sobre os conceitos de autonomia, lançamos mão neste trabalho da compreensão apresentada pelo filósofo Kant (1985). Em seus escritos “*Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?*”. O Filósofo relata a autonomia como a saída racional da *minoridade* para a *maioridade*. Neste sentido, se percebe que a principal característica de um agente racional perpassa o caminho da autonomia. Oferecendo a liberdade ao sujeito encaminhado pela razão que, por conseguinte, levará ao esclarecimento. Sendo assim, no aspecto educacional a autonomia pode ser destacada como um elemento essencial, uma vez que uma “boa educação é justamente a fonte de todo bem nesse mundo.” (NODARI E SAUGO apud KANT, 2002, p. 23), tornando-se, portanto, necessária uma adequação do ensino para que o sujeito se torne autônomo e esclarecido.

Neste sentido, torna-se necessário equilibrar a educação mecânica, baseada nos acontecimentos empíricos, e a raciocinada, esta, por sua vez, oriunda dos conceitos puros da razão. Assim, Kant propõe a educação pública como fomentadora da maioria e considera a educação, neste sentido, uma arte.

Kant concebe a educação como uma arte e não como um conhecimento, pelo fato de que, se fosse uma ciência, isto é, um conhecimento independente da experiência, então ou o homem não seria livre, ou a razão poderia chegar ao absoluto, que pertence a Deus. A ideia de liberdade impõe à educação a tarefa de analisar a passagem do estado de selvageria à condição de ser sociável (NODARI; SAUGO, p. 114, apud KANT, 2002, p. 23).

Como é apontado por Kant (2002), pensar autonomia seria dar liberdade ao outro para que este possa deixar de ser tutelado por outrem e passe a agir por si mesmo, o que no âmbito deste trabalho compreendemos que as TIC, em especial as redes sociais midiáticas, dariam essa possibilidade para o professor pensar sua prática pedagógica.

Ademais, com uma mudança de paradigma na educação, sendo trazido para a contemporaneidade um ensino centrado no aluno, caracteriza-se uma metodologia que se coaduna com a forma de utilização pelos estudantes das chamadas redes sociais. Nesta direção, podemos destacar como possibilidades o uso da plataforma Edmodo¹ como uma rede social que poderá permitir a construção dessas

¹ O Edmodo é uma plataforma para o gerenciamento da aprendizagem (Learning Management System - LMS), desenvolvido por meio de computação na nuvem. O Edmodo oferece um ambiente virtual seguro para a interação da comunidade escolar. Professores podem dispor de salas de aula on-line, compartilhar conhecimentos e conduzir trabalhos. Tarefas de casa também podem ser feitas, corrigidas e comentadas no próprio Edmodo, que dispõe, para isso, de softwares integrados. As ferramentas de edição permitem ao professor inserir marcações, comentários e correções nos documentos. Além disso, os arquivos armazenados na biblioteca podem ser acessados a partir de qualquer computador ou smartphone. Os participantes podem compartilhar materiais de estudo, links, apresentações, vídeos, além de acessar tarefas, notas e avisos escolares. A parte gráfica da plataforma oferece experiência de usuário semelhante a do Facebook, é intuitiva e de fácil manejo.

atividades colaborativas, a exemplo da produção de vídeos, fóruns, assim como, também, o uso da ferramenta CMAP TOOLS², onde os alunos constroem Mapas Conceituais colaborativos, estimulando-os a pensarem por si mesmos.

Por meio destas ferramentas, os estudantes criam uma rede de contatos e de partilha de informações e de conhecimentos, que tem foco em seu perfil e são ampliados conforme surgem as necessidades de comunicação e de desenvolvimento social (MIRANDA et al, 2011) De acordo com a visão da Unesco (2011):

Os departamentos de filosofia estão cada vez mais usando a internet e a intranet como recursos para facilitar os estudos dos alunos. Essa prática ainda não se generalizou, mas 18 relatórios recebidos (44%) discutiram positivamente a utilização desses recursos. E em três relatórios recomenda-se que os departamentos deem mais importância para o desenvolvimento de recursos da internet para o ensino (UNESCO, 2011, p.109).

Considerações finais

É necessário que a escola oportunize o acesso das crianças e dos adolescentes ao conhecimento filosófico, dispondo de narrativas filosóficas como recurso didático de auxílio aos professores. O ensino de filosofia nas escolas é de suma importância, visto que “Filosofar é atrever-se a pensar por si mesmo, e fazê-lo requer uma decisão. Há que atrever-se a pensar, porque supõe uma maneira nova de relacionar-se com o mundo e com os conhecimentos, e não meramente reproduzi-los” (CERLETTI, 2009, p. 80).

As aulas de filosofia não devem aceitar submeter-se a toda finalidade técnico-econômica atual, do mesmo modo, não devem deixar de possuir uma unidade própria e específica da disciplina dentro das escolas. Cabe então a cada professor ser consciente de sua identidade a partir do próprio ideal de filosofia que conhece, possibilitando aos alunos a oportunidade de poderem filosofar através de um diálogo orquestrado pela intencionalidade a qual deseja transmitir. Sendo que a tradição não deve servir como meio para doutrinar os indivíduos que pertencem as mais diferentes realidades, o pensamento deve ser livre para o surgimento das mais diferentes ideias, ou seja, a descolonização do pensar deve ser real. Sendo que o “descolonizar” não exclui a importância do contato com a história da filosofia.

Os estudantes ao serem convidados para a leitura das narrativas filosóficas poderão se aproximar dos personagens presentes no livro de tal modo que, através desse encontro, poderá surgir pensamentos e sentimentos idênticos ou diferentes daqueles que foram sentidos pelos personagens principais, esse tipo de experiência sensível é algo relevante para que tenhamos um instrumento de ensino cujo contato seja atrativo e que possibilite a reflexão e a compreensão dos leitores.

Segundo Ramos (2010), os homens ao fazerem uso da narrativa expressão aquilo que imaginam e, para que possamos imaginar, buscamos visualizar narrativas que outros homens imaginaram. A leitura sobre os filósofos e os seus pensamentos permite que possamos entender as questões ou problemas que serviram para a tomada de seus posicionamentos em meio ao tempo que estiveram inseridos, uma vez que “[...] o filósofo não inventa as suas questões ou seus problemas do nada. Antes, poderia-

2 O Cmap Tools é uma ferramenta distribuída gratuitamente pelo IHMC, que a disponibiliza em conjunto com outras ferramentas com o objetivo de proporcionar ambientes colaborativos e prover os estudantes de meios de colaborar em nível de conhecimento, permitindo que os usuários construam mapas conceituais e dividam o conhecimento expresso em seus mapas com outros estudantes.

mos dizer, que ele é um re-criador de problemas. A filosofia é filha de seu tempo e de suas circunstâncias” (CERLETTI, 2009, p.25), assim como, a partir das reflexões feitas pelos autores apresentadas neste trabalho, compreendemos que o uso das TIC é uma possibilidade para que o ensino de filosofia remeta ao uso das redes sociais midiaticizadas como canal de comunicação entre os alunos e que se concretize a ideia de uma ágora virtual, conforme pressupõem Lemgruber e Torres (2010):

O computador/internet torna-se uma nova praça pública, que, através de seus diversos programas de relacionamentos, constitui-se num lugar comum para o embate de ideias, reflexões e exposição das diferentes opiniões (2010, p.03).

Vale ressaltar também, que entre as sugestões para o ensino de filosofia, a Unesco (2011), recomenda o uso do computador e da internet como ferramentas que podem ajudar na promoção da prática filosófica, bem como a criação de uma revista eletrônica na língua local.

Desse modo, entendemos que as TIC podem trazer novas perspectivas ao ensino de filosofia, uma vez que podem propiciar um espaço para a discussão filosófica, com características semelhantes as suas raízes gregas. Consideramos que os ambientes constitutivos da virtualidade podem sofrer comparação com outros lugares de mediação, participação, democracia e inclusão, a exemplo da ágora grega. A condição de professor exige um novo momento da educação escolar, em que as TIC poderão contribuir com o aluno e o professor como um instrumento para o diálogo, como um *locus* para o conhecimento científico e artístico, mas, especialmente, como “um ponto de partida para o saber, o encontro e a reflexão filosófica, que formam e transforma o homem.” (TORRES, 2009, p. 9).

É nesta perspectiva que indicamos a plataforma *Edmodo* como uma ferramenta que poderá auxiliar na busca da autonomia e motivação, uma vez que a mesma funciona como uma rede social, em que existe a possibilidade dos alunos produzirem vídeos, músicas, fotografias, textos (ideias) e postarem suas produções para que sejam curtidas, comentadas e discutidas entre os membros da sala. Além da produção de atividades colaborativas com o uso da ferramenta online CMAP, que poderá estimular a criatividade dos alunos e auxiliá-los no processo de assimilação e reflexão dos conteúdos. Entendemos que desta forma, o professor como colocado por Rancière (2004) anteriormente, se torna o estopim para a produção de conhecimentos, aquele que vai despertar a motivação, levando os discentes à autonomia produtiva. Despertando os seus alunos de seus ‘sonos dogmáticos’, levando-os à *maioridade racional*, sendo aquele que indica a floresta a ser trilhada por seus alunos.

The use of narrative and TIC in the classroom: new steps to a philosophical education

ABSTRACT

The treasure of tradition is an inheritance whose access is indispensable by humanity, since it contributes to the development of individuals' capacity to think. The legacy of tradition is an inheritance accessible to men which was constituted by the sum of the most varied types of knowledge, among them we have the philosophical knowledge. Certain didactic tactics such as “comments made on texts” and “expositions” are used so that Philosophy teaching can propagate itself satisfactorily in classrooms, with teachers being charged with making the history of philosophy taught through some method. Among the most different methodological instruments possible to be used in schools we can cite the written narration. Another possibility for the teaching of the discipline lies in the adoption of Information and Communication Technologies (ICT), so that it can motivate the students, leading them to achieve a reflexive and autonomous thinking. The present work aims to discuss the different ways that philosophical thought can be shared, among them we have the usefulness of written narratives in book form that can give students access to information in their readings, even giving them access to draw conclusions about a dynamic world to which they belong. As well as, the adoption of ICT as pedagogical tools, enabling autonomous thinking. We start from the hypothesis that the use of these new didactics can awaken the reflective thinking of the students, directing them to assume a critical posture before the world to which they are part and that serves as a space to relate through their words and actions..

Keywords: Teaching. Philosophy. Narrative. ICT.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** [online]. 2013, vol.94, n.236, pp.299-322. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/15.pdf> acesso em: 14 de junho de 2017.
- BARROS, D.M.V.; HENRIQUES, S. Introdução. In: BARROS, D.M.V.et al. (Org). **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas**. Intaead: Lisboa, 2011.
- BELLUZZO, R. C. B.; FERRES, G.G. **Tecnologias e a formação de leitores: desafios na sociedade contemporânea**. Intaead: Lisboa, 2011.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União, Poder Legislativo**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03?leis?19394.htm>. Acesso em: 16 dez. 2015.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico** [tradução Ingrid Muller Xavier]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- COLÉGIO JOANA D'ARC. **Edmodo, a rede social da educação**. Disponível em: <http://www.colegiojoanadarc.com.br/edmodo>. Acesso em junho de 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: 2007 (Coleção Trans).
- FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. **Preservar e renovar o mundo. In: Rev. Educação: Hannah Arendt pensa a educação**. São Paulo: Segmento, 2007.
- GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia: Uma didática para o ensino médio – Campinas**, SP: Papyrus, 2012.
- GELAMO, R.P. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de Filosofia?** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009).
- GHIRALDELLI JUNIOR, P. **História essencial da filosofia**. São Paulo: Universo dos Livros, 2009, v. 2.
- GOULÃO, M. DE F. **Ensinar a aprender na sociedade do conhecimento: o que significa ser professor?** Intaead: Lisboa, 2011.

- JANZ, B. **A filosofia como se o lugar importasse**: a situação da filosofia africana. In: CAREL, H.; GAMEZ, D. *Filosofia contemporânea em ação*. Porto Alegre: Artmed, 2004. P.105-116.
- KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é o esclarecimento?** In: **Textos Seletos**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- KANT, Immanuel (1724 – 1804), **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.
- KANT, Immanuel. **Textos seletos**. 2ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- KOLB, A.; ESTERBAUER, R.; RUCKENBAUER, H-W. (org.) **Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- LEITE, Sandra Regina. **Educação em Hannah Arendt: implicações para o currículo**. – 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2015.
- LÉVY, P. **Filosofia World**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- LEMGRUBER, M.S.; TORRES, L.T. **O blog como ambiente de reflexão filosófica na escola: a nova ágora virtual**. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTOS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 2010, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.
- LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia no ensino fundamental**. – São Paulo: Cortez, 2002.
- MIRANDA, L.M. et al. **Redes sociais na aprendizagem**. In: BARROS, D.M. V. et al. *Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas*. Intaead: Lisboa, 2011.
- MOREIRA, W. **Os colégios virtuais e a nova configuração da comunicação científica**. *Ciência da Informação*, Brasília, v.34, n.1, p. 57-63, jan./abr.2005.
- NORADI, Paulo; SAUGO, Fernando. **Esclarecimento, educação e autonomia em Kant. Conjectura**, Rio Grande do Sul, v. 16, n.1, jan./abr.. 2011. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/892/615>>. Acesso em: maio de 2014.
- RAMOS, Fábio Pestana. **História, narrativa e linguagens: uma filosofia da história. Para entender a história**. 2010: disponível em: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2010/09/historia-narrativa-e-linguagens-uma.html> Acesso em: jul. 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lílian do Valle – 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. **Cmap Tools - Mapas Conceituais**. Disponível em <http://www.diaadia.pr.gov.br/> Acesso em junho de 2017.

TORRES, L. **Ágora virtual: novos rumos – primeiro ano do ensino médio**. 11 mar. 2011. Disponível em: <http://agoravirtual2.blogspot.com.br>. Acesso em: outubro de 2014.

UNESCO. **La filosofía: una escuela de la libertad**. México, D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana – Unidad Iztapalapa, 2011. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001926/192689s.pdf>; <http://www.ofmx./documentos/pdf/Filosofia_unaescueladelalibertad_UNESCO.pdf>. Acesso em março de 2015.

URSUA, n. 1. **La filosofía em el ciberespacio o el resurgir del fénix filosófico digital**. Um recorrido por el ciberespacio filosófico. *Límite*, v.1, n.14, p. 215- 237, 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/836/83601410.pdf>.> Acesso em: maio de 2015.

ZIBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. In: **Literatura na escola: teoria, prática e (in) disciplina**. – Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2016.

MINIBIOGRAFIA

Danillo Matos de Deus

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (2018). Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (2009). É especialista em Supervisão, Gestão e Planejamento Educacional(2011), assim como, é especialista em Docência do Ensino Superior(2012) - Ambos pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano. Professor de Filosofia pela Secretaria de Educação do Estado do Maranhão (2009-2018).

Maria Olília Serra

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão. Mestra em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo (Dinter USP/Ufma). Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão. Área de Ensino/Pesquisa: Ética e Filosofia Política, Antropologia Filosófica, Filosofia da Educação. Temas de Pesquisa: Kant, Hannah Arendt, liberdade, moralidade, mal radical, banalidade do mal, condição humana, filosofia e ensino.